

Devedores, únicos a mostrarem saídas para dívidas

Todas as alternativas para a crise da dívida dos países do Terceiro Mundo estão partindo dos próprios devedores. Até agora os Governos credores têm-se mantido afastado do assunto e recusando-se a admitir que o problema é efetivamente político. Esta ausência causa preocupações. Como as sugestões estão vindo apenas da parte em conflito, em vez de evoluir para uma solução, elas correm o risco de gerar um confronto de posições. Quem fez esta avaliação foi o professor da PUC carioca, Edmar Bacha, Coordenador e co-autor do livro recentemente lançado "Recessão ou Crescimento: o FMI e o Banco Mundial na América Latina".

O livro, que reúne ensaios de vários autores, entre eles Roberto Frankel, Assessor Especial do Ministério da Fazenda da Argentina, demonstra que as políticas do Banco Mundial (Bird) não são muito diferentes das do FMI. "As duas, explica o professor Bacha, não propiciaram crescimento, mas ao contrário, têm sido frequentemente recessivas".

Mas o Plano de Controle Macroeconômico prevê o ingresso de dinheiro novo de US\$ 2,2 bilhões neste e no

próximo ano por parte do BIRD. Assim, pode-se concluir que o País terá que aceitar algumas condicionalidades, tão danosas quanto as do Fundo, sem o desgaste político que um acordo com o FMI traria.

A falta de planos dos Governos estrangeiros o Brasil tem hoje duas opções para a crise da dívida externa: ou adota o modelo exportador para gerar reservas e ter poder de fogo nas negociações com os credores, ou faz um acordo com o Fundo. Tanto uma quanto outra, vão trazer dificuldades para o mercado doméstico. Se o Governo brasileiro preferir a primeira opção, o que é mais provável, haverá uma contração da demanda interna, a fim de gerar excedentes para a exportação e isso vai exigir um controle maior sobre os salários.

Mas se ele ficar com a segunda, além de todos os problemas políticos que a escolha trará, a consequência será pior: o agravamento da recessão, visto que a intenção dos credores é manter o Brasil sob rédea curta, disse Bacha.

O economista afirma que a experiência mostrou que os acordos com o FMI na América Latina foram fir-

mados para não serem cumpridos. Até mesmo a Argentina, que conseguiu conciliar, durante um período, orientações do Fundo com o crescimento da economia, fez recentemente uma outra carta de intenções porque não conseguiu cumprir as metas irrealistas do FMI.

— É neste contexto que se discute a questão da dívida, afirma Bacha. Mas a conclusão que se chega no livro não deixa dúvidas de que está na hora de se procurar alternativas viáveis para a receita de bolo do Fundo Monetário.

Recessão e austeridade são palavras que os países do Terceiro Mundo querem riscar de seu dicionário e constatando este fato, o livro propõe saídas menos dolorosas para a crise da dívida externa destas nações.

Mais que isso, dá um recado objetivo: o Fundo deveria estar preocupado com o balanço de pagamentos, com o câmbio e com o aumento das exportações dos devedores, em vez de se intrometer na economia doméstica destes países, em questões como déficit, "que eles sempre querem reduzir pela metade", e crédito bancário, conclui Bacha.

O livro demonstra que o modelo do Fundo é obsoleto, porque surgiu do acordo de Bretton Woods na década de 40, quando a inflação era fatal para a balança de pagamentos das Nações e não leva em conta a inflação inercial.

As sugestões para a saída da crise da dívida não são novas. Uma delas, nascida nos meios acadêmicos internacionais, defende a criação de um organismo internacional, financiado pelos países credores, que compraria uma parcela das dívidas externas, para negociá-las diretamente com os devedores, até a conversão dos débitos em investimentos. Uma outra versão desta proposta é a abertura de uma agência dos próprios bancos credores, que compraria os créditos dos devedores.

Uma das alternativas formuladas pelo professor Bacha diz respeito à conversão dos títulos em bônus, pelo mesmo valor com que vinham sendo negociados no mercado secundário internacional, ou seja, com deságio. O atrativo é que o Banco Mundial estaria por trás garantindo o negócio. "Se os devedores não pagassem, o BIRD assumiria o débito", explicou.